

# Barcellos-Moderno

Director e proprietario: ARMINDO MIRANDA

Red. adm.

Comp. e impr.

Rua D. Antonio Barroso, 99

BARCELLOS

Typ. « Centro de Novidades »

ASSIGNATURAS: Serie de 3 numeros 60 reis. Para fora da villa, accresce o porte do correio. PAGAMENTO ADEANTADO

## O QUE É A MULHER

Variam ao infinito as opiniões dos sábios, ácerca d'este mysterio da criação.

Enchiam uma bibliotheca as maximas applicadas á mulher e não ha epitheto que se lhe não tenha dirigido. Anjo, demonio, enigma, rosa, creança grande, mal necessario, tudo tem sido dedicado á mulher pelos poetas e romancistas, que são os melhores peritos da materia.

Sobre tão grave assumpto tambem vou pronunciar o meu juizo.

A mulher é um phosphoro que nos accende o coração e a intelligencia.

Tem as vantagens e os inconvenientes dos lumes promptos, dá luz com rapidez, mas por um descuido traz muitas vezes incendios devastadores, para os quaes não ha ainda inspectores, nem machinas de salvagão.

A mulher magra e nervosa, de pouca vida nos olhos, e nenhum mimo nas faces, mas cheia de zelos e de melancholia, é o phosphoro de pau.

Custa a accender, e depois de acceso apaga-se muitas vezes antes de communciar a luz.

Não estão em moda estes phosphoros por serem os que mais cançam a paciencia.

A *coquettê*, galante, espirituosa, de meiguice estudada, e sorriso ensaiado ao espeelho, é o phosphoro de cera.

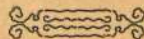
Basta tocar-lhe para o accender; a sua luz chega á farta para seis corações, e ainda sobra para um caso urgente.

A virgem sentimental, com alma cheia de poesia, e a cabeça desvairada pelos romances, que desdenha este prosaismo da vida, porque aspira a um mundo melhor, é o phosphoro de isca, o qual, uma vez acceso, se consome lentamente, sem chamma, e sem que as ventanias das desgraças o apaguem.

A mulher de rara formosura, gentil, esplendida, tentadora, que nos perfuma a alma e nos embriaga os sentidos é o phosphoro de almiscar.

Segundo esta theoria o harém do grão sultão não é mais do que uma grande caixa de phosphoros.

MANOEL ROUSSADO.



## Os meus amores

Ao ser-me pedida collaboração para o sympathico «Barcellos-Moderno», vi logo passar-me ante os olhos a fila dos meus amores e lembrou-me fazer uma historia que, se bem que fosse interessante, não poderia levar a cabo sem compromissos e sem que fosse asperamente censurado por todas as jovens leitoras que tivessem a amabilidade de poisar o seu olhar feiticeiro sobre tão pobres e desprezenciosas linhas.

Resolvi-me pois a narrar só os episodios mais engraçados, fazendo-o o melhor que possa, pois não tenho qualidades para escriptor e muito menos quando se trata de scenas d'amor para o que me sinto já velho.

Era então minha *Ella*, a filha unica da

sr.<sup>a</sup> A. e do sr. B. que tinham vindo do Brazil e que, segundo constava possuíam alguma fortuna.

Depois de uns dias de olhares furtivos, offereci-lhe a primeira carta que ella acci-tou e na qual puz toda a minha sciencia, dizendo-lhe, entre outras coisas, que ella era a maior belleza que tinha visto em toda a minha vida.

Ora, com franqueza, ella não era feia, mas eu tinha conhecido meninas muito mais bonitas.

Respondeu-me, dizendo que eu lhe era algo sympathico e que o seu sonho doirado era arranjar *márido qui fosse dedicado e não jogassi bátóta*.

Não ha duvida, — dizia eu para commigo; — *dedicado*, não sei ainda se o poderei ser, e quanto a *bátóta* nunca joguei; nem mesmo a *bátáta*.

Continuou o namoro uns trez mezes, findos os quaes *mi párticipou qui si ia em Bóm Jesús di Monti á pássa* um mez, onde esperava ver-me, pelo menos, todos os domingos.

— Esta agora é que está boa! pensava eu — Onde diabo hei-de ir buscar dinheiro?!

Minha mãe era quem pagava as differenças porque eu pedia-lhe dinheiro sob todos os pretextos.

Um dia cheguei a pedir-lhe dez tostões para compôr o relógio, tendo este no prego havia quinze dias!

Mas vamos ao meu *ámó di lá!*

Fui, o primeiro domingo, ao Bom Jesus e dei com ella deitada n'uma rede lendo um romance qualquer.

Fiz-lhe uma grande barretada e por alli andei á espera de que ella fizesse signal para fallarmos, mas ella não se dignava ter o incommodo de se levantar.

Eram quatro horas da tarde quando ella veio melancholicamente ter commigo, pedindo-me desculpa de me ter feito esperar tanto e apresentando como motivo, *pápá e mamá* que estavam sempre fitando-

a, mas que agora repousavam em *somno di sésta*.

Disse-lhe mil *banalidades* amorosas e ella fallou-me constantemente do Pará onde contava regressar em Dezembro (estavamos então em Junho).

Despedi-me e prommetti escrever-lhe no dia seguinte, o que fiz.

Passados dias escreve-me da Povoá onde *pápá e mamá* tinham resolvido passar o resto do mez.

Esta — dizia eu — é que nem ao diabo lembra! Não ha dinheiro que me chegue!

Em minha casa já todos desconfiavam das minhas viagens.

Consegui extorquir, com muita treta, mais umas coróas a minha mãe, e lá vou eu um domingo para a Povoá. Como chegasse a hora do banho dirigi-me logo á praia onde a minha «Ella» depois de alguns longos minutos me appareceu já disposta ao *mir-gulho*, com uma touca de oleado na cabeça e tão feia, tão feia, que cheguei a duvidar que fosse ella.

Vi-a tomar o banho e recolher-se á barraca toda molhada, sahir, dirigir-se a casa mas sem olhar mais para mim e sem se sorrir como costumava, mostrando uma fila de dentes muito brancos, muito eguaes, que eram o meu maior encanto.

Detive-me ainda na praia contemplando as ondas, com o fim de dar-lhe tempo para almoçar.

Ia a retirar-me quando vejo correndo direita á barraca onde ella se despiu, a sua creada. Que foi? perguntei eu aneoso — Nada. Foi a menina que perdeu uma coisa — Perdeu! Oh! Quem me dera ter a felicidade de a achar!

E talvez lhe faça falta não?

— Muita! E desatou-se a rir.

Procuravamos os dois cuidadosamente quando ao levantar uma esteira a creada exclamou: Ah! cá está!

E pegou furtivamente n'um pequeno objecto que apertou na mão.

— Mostre-me. Deixe-me ver!

—Tenha paciência. Ella disse-me que não mostrasse a ninguem e sobre tudo ao senhor!

A minha curiosidade augmentou.

—E se eu guardasse segredo e lhe pagasse generosamente!

—Só se o senhor promette não dizer nada,

—Juro-lhe!

Abriu a mão e mostrou-me . . . ó céos!  
Uma dentadura postiça!!!

Fiquei perplexo! Dei tremulo uma moeda de cinco tostões á sopeira que a recebeu por entre gargalhadas, e fugi, fugi no primeirô comboio.

Não mais escrevi á *brazileira*.

Ella é que me escreveu chamando-me entre outras coisas feias, ingrato.

Se o fui ou não as minhas gentis leitoras o dirão.

---

## Coisas que amo! . . .

### UMA ASPIRAÇÃO

Amo o sol quando começa a despontar purpleando o vasto e formoso horisonte!

Amo o enormissimo espaço etherico, delicado e puro, onde elle, resplandescente, vagueia!

Amo a lua, princeza da noite, e o scintillar das estrellas!

Amo, com o mais elevado e sublime affecto, as aprasiveis serenatas que, pelas noites d'este alegre tempo, os briosos rapazes cá da terra costumam promover!

Que coisa linda!

E eu que, quasi sempre, atravez das frinchas das janellas, os vejo passar alegremente! . . .

Amo, emfim, os risonhos passarinhos que, sobre as franças de uma encantadora e umbrosa arvore sita em frente ao meu quarto de dormir, me veem accordar, logo ao raiar da madrugada, com os seus sua-

ves e melodiosos gorgeios! Oh! quem me dera ser uma d'essas avesinhas para, n'um dos mais elevados adejos, ir . . . eu bem sei onde! . . .

Amo ainda . . . não sei o *que* . . .

Eis o meu desejo e o que amo desde creancinha e que jamais deixarei de amar! . . .

Povoa, 15-7-910.

ELDINA VILHENA.



## PERFIS FEMININOS

### IV

Quanto á nova perfilada,  
Principio por dizer  
Que é da familia a *morgada*,  
Foi a primeira a nascer.

Pelo seu nome, parece  
Ter *parentes* a fatar;  
E creio que nunca esquece  
Os que tem p'ra *além do mar*.

Habita em casa de *ferro*  
Com fechaduras sem fim,  
Zam segura — salvo êrro —  
Como as outras, mesmo assim

E' *nutrida*. E — sem contracto —  
E' menina de ganhar  
Um tal ou qual campeonato  
Cá neste particular.

Se meia palavra basta  
Para bom entendedor,  
Muito pouco tempo gasta,  
P'ra advinhar, o leitor.

UM ADMIRADOR.



## DAS PRAIAS

Agora que as nossas gentis leitoras já vão architectando no seu pensamento o sonho fagueiro, a esperança realisavel, de passar o mez de agosto ou setembro na praia, não

será certamente inoportuno, que eu, humilde filho de Barcellos—jardim de virgoneas rosas d'amor—envie hoje algumas notas da linda Figueira, lidima pérola do Mondego, tão donairosamente acobertada pela Egide scintillante e protectora da poderosa Amphitrite—a mais bella praia de Portugal.

Não existe maior prazer, do que viver perto do mar! Ouvir o seu arfar rhythmico e cadenciado, escutar as suas queixas constantes e melodiosas, vê-lo vir manso e carinhosamente beijar os nossos pés, é o ideal perfeito e supremo que em sonhos phantasticos, em devaneios e utopias arrebatadoras nos eleva a imaginação a ceus indefinitos!

A praia é um ninho de encantos bellos, tecidos dos reflexos atticos do luar, casando-se com o marulhar das ondas.

Que jubilo! Que ventura tão ditosa experimenta a nossa alma, ao sentir beijarnos a face cálida e ardente a brisa balsamica do Oceano, espreguiçando-se ao longe n'uma languidez de creoula!

O mar! . . . . O mar! . . .

Como é agradável ouvir as canções dolentes, que elle solta nas noites silenciosas de calma, abrir os pulmões, enche-os sufregamente d'essa suave e saudavel viração salgada que vem de fora, vel-o estender-se no areal fino da praia e em momentos de revolta vel-o de embate, enfurecidamente, espumante, contra os rochedos que tos e resignados que permanecem ao longe!

E' o extase o arrebatamento dos poetas mesmo dos que não sabem rimar. . . . .

E ao ouvir as garbosas damas da aristocracia lisbonense, banharem-se nas salsas aguas, crusando o seu sorriso leve e affavel com as gargalhadas sonosas e espirituosas das nossas *hermanas* da Patria de Cervantes, vejo desenrolar ante os meus olhos o panorama magnifico e encantador d'uma outra praia no norte, cheia de attractivos naturaes e onde se refugia a *élite* barcellense do ambiente degenerativo do burgo,—a praia d'Apulia.

Bosco

## LITTERATURA

### Após um mez

*E' volvido um mez, sem que este amor  
Que em meu peito viste sempre ardente  
Deixe de pulsar constantemente  
Por ti meu cherubim, minha flor! . . .*

*E tu não teus um gesto clemente  
Que termine com a minha dor,  
Antes com desprezo renitente  
A tornas ainda sempre maior! . . .*

*Sinto no peito um vacuo immenso  
Que jamais poderei prehencher;  
Ao passo que tu, assim o penso,*

*Outro eleito poderás ter,  
Mas nunca com amor mais intenso  
Que o meu amor e meu soffrer! . . .*

Porto, VIII — 1909

A. C. S. M.

\* \* \*

### A Uma Joven

(DE VICTOR HUGO)

*Creança, que não sabes quanto a infancia é bella,  
Não anheles a idade em que nos foge o encanto,  
E o Coração é escravo e-louco-se rebella . . .  
E é mais triste o sorrir que o teu doirado pranto.*

*Tám bella é a vossa idade . . . O Coração a esquece!  
Ligeira como a brisa—é brisa a perpassar,  
Como adoravel som que se esvae, que fenece . . .  
Alcione no mar.*

*Deixa amadurecer em paz tuas ideias,  
Gosa da primavera, emquanto a aurora é doce!  
Cada hora é uma flôr, presa em santas cadeias,  
Mas - ai - não as desfolbe um anhelar precoce,*

*Deixa chegar os teus annos. O destino espera  
P'ra dar-te—como a nós—saudades, falso Amor  
Males sem esperanza, ardôr sem primavera,  
Prazêr's que causam dôr!*

*Sorri pois, sem saber da Sorte a atra potencia,  
Envolve em sonhos d'ouro a fronte graciosa;  
O olhar azul de paz—espelho de innocencia  
Refleta o Ceu, revêla a tua Alma formosa*

Barcellos—1908

MU BETA